



**ESFORÇOS EDUCATIVOS DE AVÓS EM UM TERRITÓRIO
VULNERÁVEL DA CIDADE DE VIÇOSA (MG)**

Wânia Maria Guimarães Lacerda¹
Denise Costa Rosa²

Resumo: O objetivo da pesquisa que deu origem a esse texto foi analisar os esforços educativos de famílias da comunidade Carlos Dias, Viçosa (MG), um território vulnerável socialmente, sob o ponto de vista das avós residentes em lares multigeracionais. Os dados foram gerados por meio de entrevistas biográficas semidiretivas com duas avós e de observação na comunidade. Foram produzidos dois retratos sociológicos concisos, considerando-se os seguintes traços pertinentes da análise: a escolha do estabelecimento de ensino, o acompanhamento escolar; a ordem moral doméstica e a participação dos membros da família na escolarização das crianças. Os dados indicaram que essas famílias realizam esforços educativos, contrariando tanto uma visão depreciativa que as considera omissas como o pressuposto de homogeneidade de práticas das famílias residentes em territórios vulneráveis. A escolha do estabelecimento de ensino mobilizou os membros das famílias, cujos critérios foram segurança, organização, regularidade dos deveres, rigor e qualidade do ensino. O acompanhamento dos deveres é feito de forma sistemática pela mãe, porém todos os membros dessas famílias auxiliam-se mutuamente nas ações em favor da escolarização das crianças. Os esforços das avós decorreram da disponibilidade de tempo, da estabilidade da renda e da situação de vulnerabilidade da porção do território onde residem. Essas ações não estão relacionadas ao estritamente escolar e se voltam para a transmissão de uma ordem moral doméstica, com a regulação das atividades cotidianas e do tempo, e decorrem das expectativas compartilhadas pelos membros dessas famílias quanto à escolarização das crianças, as quais são afetadas pelo bom desempenho escolar delas e pela presença da UFV nesse contexto local.

Palavras-chave: Esforços educativos de avós. Território vulnerável. Relação família escola.

**GRANDPARENTS EDUCATIONAL EFFORTS IN A
VULNERABLE TERRITORY OF VIÇOSA CITY (MG)**

Abstract: The research objective that gave rise to this text was to analyze the educational efforts of families from the community Carlos Dias, Viçosa (MG), a socially vulnerable territory, from the point of view of grandparents that lives in multigenerational households. The data were generated using semi-directional biographical interviews with two women grandparents and through observation in the community. Two concise sociological scenarios were produced, considering the following relevant features from the analysis: how parents choose the school their children will study (choice of school), how the family monitors their children's school performance; the domestic moral order and the participation of family members in the schooling of children. The data indicated that these families realize educational efforts, opposing both a derogatory view that considers them to be missing in this sense, as well as the presupposition of homogeneity of the practices from families living in

¹ Doutorado em Educação. Universidade Federal de Viçosa. E-mail: waniamgl@ufv.br.

² Mestranda em Educação. Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: deniseros@gmail.com.



vulnerable territories. The choice of school mobilized family members, whose criteria to the choice were the safety, organization, regularity of school duties, rigor and quality of teaching. The monitoring of school duties is carried out systematically by the mother, but all the members of these families support each other in the actions in favor of their children schooling education. The grandparents' efforts take place because they have more time available, income stability and due the vulnerability of the part of territory where they live. These efforts are not strictly related to the school, it can be about the transmission of a domestic moral order or about the regulation of daily activities and time. These actions result from the expectations shared by the members of these families regarding the schooling of the children, affected by their school performance and the presence of the UFV in this local context.

Key-words: Grandparents educational efforts. Vulnerable territory. Family-school relationship.

Introdução

Em meio às transformações econômicas, sociais, culturais e demográficas que ocorreram no Brasil ao longo dos anos, quando, por exemplo, a industrialização e a urbanização expandiram-se, ampliaram-se as profissões de nível superior e técnico especializado e de pessoal administrativo nos setores público e privado; houve aumento da população; as mulheres ingressaram massivamente no mercado de trabalho (MICELI, 2001; SACHS et al., 2001), mudaram as famílias e as escolas.

As famílias brasileiras diminuíram seu tamanho; houve crescimento do número de uniões conjugais sem vínculos legais e da coabitação fora do casamento; cresceu o número de arranjos familiares monoparentais chefiados por mulheres; aumentou o número de separações e divórcios e de famílias recompostas, e caiu a taxa de fecundidade (BERQUÓ, 1998; 2001). Além disso, as famílias perderam o poder de designação dos herdeiros, pois atualmente é a instituição escolar que assegura a certificação, os diplomas e as marcas de qualificação, segundo critérios que são próprios a ela, colaborando, de forma decisiva, na definição da posição social futura de cada um dos membros da família e, portanto, definindo o futuro da linhagem (SINGLY, 1993; CHARLOT e ROCHEX, 1996). Nesse contexto, o valor de uma família passou a ser considerado em função do capital escolar detido pelo conjunto de seus membros. Assim, aqueles que não detêm a certificação escolar requerida são vistos, juntamente com suas famílias, como socialmente desvalorizados e desqualificados.



A escola mudou com a ampliação da escolaridade obrigatória; a implantação de políticas públicas de democratização do acesso; a complexificação das redes escolares. Isso exige das famílias conhecimentos específicos para proceder à escolha do estabelecimento de ensino a ser frequentado; a extensão da área de atuação da escola a domínios antes exclusivos da socialização familiar, como a educação afetivo-sexual; a evolução dos métodos e princípios pedagógicos e a instalação de uma grande preocupação com a continuidade dos processos educativos entre as famílias e as escolas (NOGUEIRA, 1998).

Ainda que o sentido ou valor atribuído à educação varie de acordo com as posições das famílias na hierarquia social e, portanto, o tipo e o volume de capitais possuídos afetem as aspirações e as expectativas educativas delas, a preocupação educativa tornou-se comum entre as famílias de diferentes meios sociais, e elas empreendem esforços em favor da escolarização dos filhos.

As famílias das classes populares, por exemplo, tendem a valorizar a educação pela ótica instrumental, ou seja, buscam melhorar a posição dos filhos no mercado de trabalho (BARBOSA; SANT'ANA, 2010). Essas autoras, embasando-se na pesquisa realizada com famílias residentes em bairros pobres das cidades de Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro, destacam que as mães menos escolarizadas são justamente aquelas que valorizam mais fortemente a educação. Entre as famílias da cidade do Rio de Janeiro moradoras de favelas, o valor atribuído à educação é mais alto se comparado àquele atribuído pelas famílias populares não moradoras.

O reconhecimento de que as famílias de classes populares valorizam a educação vai de encontro ao mito da omissão parental (LAHIRE, 1997). Para esse autor, essas famílias não são indiferentes aos comportamentos e desempenhos escolares das crianças e desejam que elas se saiam bem, almejando que consigam, quando adultas, um trabalho menos cansativo e mais bem remunerado que os delas.

Para Thin (2006), o entendimento, comum nos ambientes educacionais, de que há um déficit da ação das famílias de camadas populares em relação à escola ofusca a compreensão das relações que elas estabelecem com a instituição. Para esse autor, os mal-entendidos e dificuldades entre os professores e as famílias de camadas populares decorrem do fato de que as práticas socializadoras dessas famílias distanciam-se do modo escolar de socialização e são até mesmo contraditórias.



De modo geral, a comunidade escolar considerar que há omissão parental na escolarização dos filhos ou um déficit na ação dos pais de famílias populares é ainda mais comum quando se dirige o olhar para aquelas famílias residentes em territórios onde predomina a condição social de risco, isto é, aquelas que têm alta probabilidade de que o futuro seja marcado pela marginalização e exclusão social. Essa condição impossibilitaria a constituição de aspirações educacionais e o empreendimento de práticas favorecedoras do processo de escolarização dos filhos, pois essas famílias estariam inabilitadas a investir no futuro.

Para Batista e Carvalho-Silva (2013), no entanto, a valorização da educação se dá também entre as famílias que residem em território de vulnerabilidade social. Esses autores constataram, na pesquisa realizada em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo, a não homogeneidade dos efeitos de residir em territórios de vulnerabilidade social sobre as práticas educativas das mães, as quais não são indiferentes ao processo de escolarização dos filhos e depositam grandes expectativas nesse processo, realizando esforços para assegurar a permanência deles na escola.

O interesse pelos esforços educativos³ de famílias residentes em território vulnerável surgiu dessas constatações de pesquisa e da observação empírica das práticas de avós residentes no território vulnerável conhecido como comunidade Carlos Dias, localizado no bairro Sagrado Coração de Jesus, em Viçosa (MG). Nesse território, observa-se a existência de lares multigeracionais e avós que se esforçam para escolarizar os netos. Elas os levam e buscam na escola; recorrem a terceiros para assegurar a ajuda aos netos nos trabalhos extraclasse e buscam inculcá-los cotidianamente uma “moral do bom comportamento; da conformidade às regras; moral do esforço, da perseverança” (LAHIRE, 1997, p. 26), objetivando que eles se comportem assim na escola.

³ Batista e Carvalho-Silva (2013) utilizam o termo esforço para se referir às ações realizadas pelas mães em favor da escolarização dos filhos em territórios vulneráveis. De acordo com esses autores, a palavra esforço “expressa a intensificação de um recurso, energia ou capacidade não excedentes, que não estão acumulados, mas que são despendidos ou gastos”(op. cit., p. 205). Além disso, esse esforço tende a ser irregular em função das necessidades e dificuldades cotidianas. Neste trabalho, considerou-se também adequado utilizar a palavra esforço para se referir às ações das avós em favor da escolarização dos netos.



A pesquisa⁴ que deu origem a esse trabalho, de cunho qualitativo, objetivou compreender e interpretar os esforços familiares na escolarização de crianças, sob o ponto de vista de avós residentes em lares multigeracionais na comunidade Carlos Dias, uma comunidade vulnerável socialmente, localizada em Viçosa (MG). Os dados foram gerados por meio de entrevistas biográficas semidiretivas⁵ com duas avós residentes. Também foi feita análise documental sobre o contexto socioespacial da cidade de Viçosa e realizadas observações na comunidade, facilitadas pelo fato de que uma das pesquisadoras residia nessa comunidade. Portanto, o *corpus* da pesquisa se constitui de duas entrevistas e de anotações realizadas a partir de observações na comunidade Carlos Dias.

A seleção das duas avós entrevistadas fez-se a partir dos seguintes critérios: residir em lares multigeracionais e empreender ações cotidianas em favor do processo de escolarização dos netos, como, por exemplo, acompanhá-los diariamente até a escola. As entrevistas foram gravadas e o áudio, transcrito por uma das autoras desse trabalho, a mesma que realizou as entrevistas, o que favoreceu a fidelidade a tudo o que as avós falaram e a continuidade entre as situações de entrevista e a transcrição dos relatos.

A análise do *corpus* da pesquisa deu origem à produção de dois retratos sociológicos concisos (LAHIRE, 2004; COSTA e LOPES, 2008; LIMA JÚNIOR e MASSI, 2015). Nessa produção, foram utilizados os seguintes traços pertinentes da análise: a escolha do estabelecimento de ensino, o acompanhamento escolar; a ordem moral doméstica e a participação dos membros da família na constituição dos percursos escolares dos netos. A utilização dos traços pertinentes da análise como dispositivo metodológico⁶ sustenta-se em Passeron (1995). Para esse autor, a narrativa biográfica pode se apresentar como um material de pesquisa de grande poder de inteligibilidade, pois aquilo que é vivido e narrado traz consigo o sentido e a coerência daquele que viveu e narra essa experiência de forma retrospectiva, ou seja, tudo na experiência singular pode parecer pertinente e passível de

⁴ Essa pesquisa foi realizada no âmbito do Programa de Pesquisa do Observatório da Vida Estudantil, vinculado ao Programa de Educação Tutorial em Educação da UFV, e contou com financiamento da FAPEMIG, Edital 10/2012, Processo: APQ-03213-12. Também contribuiu para embasar as discussões apresentadas nesse trabalho a pesquisa intitulada: Escolha do estabelecimento de ensino e lógicas de quase-mercado, o caso de Viçosa/MG, financiada pela FAPEMIG, Edital 01/2012, Processo APQ-01736-12.

⁵ Foi realizada uma sessão de entrevista com cada uma das avós. Além disso, foram estabelecidos contatos com as avós e outros membros da família quando surgiam demandas de informações na produção dos retratos sociológicos.

⁶ Lahire (1997b) e Viana (1998), em seus trabalhos de pesquisa, também utilizaram como estratégia metodológica a definição de princípios orientadores da análise na reconstituição dos perfis de configurações sociais singulares.



descrição, “nada é insignificante” (PASSERON, 1995, p. 204), o que conduz a análise sociológica para uma impossibilidade. Portanto, a definição prévia de traços pertinentes da análise, provenientes de hipóteses de trabalho, evita o desaparecimento do problema teórico, quando se depara com a riqueza do material biográfico.

Este trabalho está organizado em três seções. Na primeira, é feita uma apresentação do contexto da cidade de Viçosa (MG) e da Comunidade Carlos Dias. Na segunda e na terceira são expostos os dois casos estudados. A seguir, são apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas.

1 O contexto socioespacial da cidade de Viçosa e a comunidade Carlos Dias

A população estimada do município de Viçosa (MG), para o ano de 2017, foi de 78.381 habitantes (IBGE, 2017). Desse total, 92,3% reside na área urbana (SOUZA MARIA; FARIA; STEPHAN, 2014). Viçosa possui também uma população flutuante de aproximadamente 20 mil pessoas, em sua maior parte, universitários. A cidade tem cinquenta e sete bairros e três distritos.

Como a maior parte das cidades médias brasileiras, Viçosa também é marcada pela segregação urbana. De acordo com Ribeiro Filho (1997), desde a federalização da universidade, os processos de segregação socioespacial passaram a caracterizá-la, de um modo importante, agravados com a expansão da Universidade a partir dos anos de 1970, que intensificou o processo de urbanização desigual, acelerado e desordenado.

Um exemplo da exacerbação do processo de segregação em Viçosa, ainda na segunda metade da década de 60, foi a criação do conjunto residencial Vila Gianetti, localizado no *campus* da UFV. De acordo com Ribeiro Filho (1997), essa vila, com padrão urbanístico americano, funcionava como um condomínio fechado e se tornou um modelo de autosegregação de grupos socialmente favorecidos, inspirando a formação dos outros condomínios fechados, em Viçosa, nas décadas seguintes⁷.

A segregação socioespacial na cidade é observada também na constituição do bairro Sagrado Coração de Jesus, cuja gênese se encontra no expressivo contingente populacional que migrou para Viçosa na década de 70, isto é, trabalhadores em busca de oportunidades nas

⁷ Atualmente existem, em Viçosa, 11 condomínios fechados: Acamari, Monte Verde, Otávio Pacheco, Jardins do Vale, Caminho dos Lagos, Parque do Ipê, Recanto da Serra, Vereda do Bosque, Canto dos Sonhos, Vale das Acácias e Vale Verde (SOUZA MARIA; FARIA; STEPHAN, 2014).



obras da universidade e da cidade. Esses trabalhadores “buscaram soluções informais para seus problemas de habitação na favela Rebenta Rabicho⁸” (RIBEIRO FILHO, 1997, p. 142).

O trabalho de Abreu et al. (2011) sobre as diferenças intraurbanas do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Viçosa mostra que existe uma grande concentração de alto valor do IDH na região central e nos Bairros Ramos e Clélia Bernardes. Nos bairros Fátima, Santa Clara e Santo Antônio, há uma diferenciação interna da população: possuem áreas distintas onde se concentram os moradores com padrões sociais mais elevados e outras onde se concentram moradores pobres (RIBEIRO FILHO, 1997; ABREU, 2009 e ABREU et al., 2011). Os destaques negativos em Viçosa são o alto do Bairro Santo Antônio⁹, o Bairro Sagrado Coração de Jesus¹⁰ e o Bairro Nova Viçosa. Esses, juntamente com Romão dos Reis e Bom Jesus, caracterizam-se pela homogeneidade socioeconômica com padrões baixos. O extremo sul do bairro Nova Viçosa se apresenta como a parte mais pobre da área urbana de Viçosa (ABREU, 2009).

O Índice de Segregação Socioespacial (ISSE) de Viçosa, elaborado por Bastos Filho, Pinto e Fiúza (2017), da região urbana de planejamento denominada Passos, na qual está incluído o bairro Sagrado Coração de Jesus, onde se localiza a comunidade Carlos Dias, é 0,531, sendo 1,0 o ponto referente à mais alta segregação.

No agrupamento de regiões e na classificação feitos por esses autores, a região de Passos tem média segregação socioespacial, figurando na oitava posição¹¹ dentre as 12 analisadas da cidade de Viçosa. Cabe destacar, no entanto, que as regiões urbanas de planejamento consideradas para elaboração do ISSE pelos autores agregam territórios com variações internas importantes quanto aos indicadores¹² utilizados para elaboração desse índice. Isso pode ter feito com que um território altamente segregado, como a comunidade Carlos Dias, integrasse, no trabalho realizado por Bastos Filho, Pinto e Fiúza (2017), um grupo considerado de média segregação socioespacial na cidade de Viçosa.

A comunidade Carlos Dias, conforme mencionado surgiu como uma alternativa para a população pobre que se deslocou de áreas rurais e de cidades circunvizinhas para Viçosa, à

⁸ O autor se refere a parte do bairro Sagrado Coração de Jesus, denominada Comunidade Carlos Dias e popularmente conhecida como Rebenta Rabicho.

⁹ No bairro Santo Antônio essa área é conhecida como Morro da Coruja.

¹⁰ Nesse bairro se localiza a comunidade Carlos dias, conhecida como Rebenta Rabicho.

¹¹ A região urbana de planejamento que ocupa a nona posição, Amoras, alcançou esse mesmo Índice.

¹² Os indicadores selecionados nesse trabalho para elaboração do ISSE de Viçosa foram: “distância em relação ao centro, déficit habitacional, dados socioeconômicos, infraestrutura, educação, acessibilidade, vulnerabilidade familiar e saúde e emprego” (BASTOS FILHO; PINTO; FIÚZA, 2017, p. 6).



procura de trabalho em obras de construção dos prédios da Universidade. Nela se observa o fenômeno da proximidade territorial e distância social (RIBEIRO, 2008), dada sua localização muito próxima do centro e a condição social desfavorecida dos moradores. Trata-se de uma ocupação urbana irregular, em área de encosta, com falta de infraestrutura urbana, como acessibilidade das vias, coleta de lixo adequada e qualidade das edificações (FIGUEIREDO e SILVA, 2014). Na comunidade Carlos Dias, “há três bares, uma igreja evangélica, a Pastoral da Criança da igreja católica e a Casa Cultural do Morro” (op. cit, p. 216), além de uma creche municipal que atende crianças de um a quatro anos de idade, criada no ano de 1989.

A maior parte dos moradores adultos dessa comunidade trabalha no setor de serviços, desempenhando funções manuais não qualificadas, com destaque na indústria da construção civil e serviços gerais. Nessa comunidade, a localização próxima ao centro, a demanda por habitação e a condição socioeconômica das famílias se conjugam para tornar comum a existência de lares multigeracionais.

A comunidade Carlos Dias é reconhecidamente uma das áreas mais segregadas de Viçosa (MG), onde as condições urbanas são precárias e os serviços e os equipamentos públicos inexistem. Trata-se também de um território estigmatizado como violento. Nele residem famílias de baixa renda e escolaridade, em situação de vulnerabilidade social.

De acordo com Perona e Procchi (2001, p. 16)¹³:

[...] a categoria de vulnerabilidade abarca duas condições: a dos ‘vulnerados’, que se identifica à condição de pobreza, quer dizer, que já padecem de uma carência efetiva que implica a impossibilidade presente de sustento e de desenvolvimento, bem como uma debilidade futura, a partir dessa incapacidade; e a dos ‘vulneráveis’, para os quais a deterioração de suas condições de vida não está ainda materializada, mas aparece como uma situação de alta probabilidade em um futuro próximo, a partir das condições de fragilidade que as afete¹⁴.

¹³ Batista e Carvalho-Silva (2013) tomam o termo vulnerabilidade social nesse mesmo sentido no desenvolvimento de sua pesquisa.

¹⁴ Tradução livre de: “En su sentido amplio la categoría de vulnerabilidad refleja dos condiciones: La de los ‘vulnerados’ que se asimila a La condición de pobreza, es decir ya padecen una carencia efectiva que implica la imposibilidad actual de sostenimiento y desarrollo y una debilidad a futuro a partir de esta incapacidad; y la de los ‘vulnerables’ para quienes el deterioro de sus condiciones de vida no está ya materializado sino que aparece como una situación de alta probabilidad en un futuro cercano a partir de las condiciones de fragilidad que los afecte” (PERONA; ROCCHI, 2001, p. 16).



As crianças residentes na comunidade Carlos Dias, de acordo com a setorização da matrícula¹⁵ na cidade de Viçosa, devem ser matriculadas na Escola Estadual Madre Santa Face, na Escola Municipal Coronel Antônio da Silva Bernardes e na Escola Estadual Padre Álvaro Correia Borges, quando iniciam o processo de escolarização, em função da proximidade com o local de residência.

Essas escolas ocupam posições distintas na hierarquia dos estabelecimentos escolares dessa cidade. A escola mais bem posicionada nessa hierarquia é a Escola Estadual Madre Santa Face, considerando o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o nível socioeconômico do alunado dessa escola¹⁶ e os dados sobre a demanda e oferta de vagas. O IDEB dessa escola, no ano de 2015, foi 7,1¹⁷ (INEP, 2018), o qual a posiciona no topo do ranking das escolas públicas de Viçosa que ofertam o primeiro segmento do ensino fundamental, construído a partir desse índice.

O nível socioeconômico médio dessa escola, calculado em relação à série histórica de 2001 a 2009, foi 5,73, considerado médio-alto (ALVES et al., 2012). A pesquisa de Lacerda e Oliveira (2017) indica que, no ano de 2014, 141 famílias buscaram acessar vagas na Escola Estadual Madre Santa Face, pleiteando a mudança do estabelecimento de ensino designado para a matrícula dos filhos vagas tanto junto à Comissão Municipal de Cadastro e Matrícula de Viçosa como diretamente na secretaria dessa escola.

Esse estudo, no que se refere ao endereço na cidade de Viçosa das famílias que pleitearam vagas na Escola Estadual Madre Santa Face, em 2014, revelou que quase a totalidade dessas famílias residia nas áreas com IDH intraurbano mais elevado da cidade, indiciando que a maior parte das crianças da comunidade Carlos Dias é matriculada na Escola Municipal Coronel Antônio da Silva Bernardes e na Escola Estadual Padre Álvaro Corrêa Borges¹⁸, as quais ocupam posições inferiores na hierarquia local dos estabelecimentos. O IDEB da Escola Municipal Coronel Antônio da Silva Bernardes, em 2015, foi 5,3 e da Escola

¹⁵ A setorização da matrícula no Estado de Minas Gerais estabelece que a matrícula de cada aluno deve ser feita no estabelecimento público mais próximo de sua residência.

¹⁶ Alves et al. (2012), com base nos questionários contextuais aplicados no âmbito das avaliações da educação básica realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira (INEP) nos anos de 2001 a 2009, estimaram o nível socioeconômico médio de 70 mil escolas públicas e privadas de educação básica brasileiras.

¹⁷ Em 2013, o IDEB dessa escola foi 7,3 (INEP, 2018).

¹⁸ As entrevistas realizadas com as avós e a observação dos uniformes utilizados pelas crianças da comunidade, que informam quais escolas frequentam, reforçam esse indício.



Estadual Padre Álvaro Corrêa Borges, 6,2¹⁹. Os níveis socioeconômicos calculados por Alves et al. (2012), da Escola Municipal Coronel Antônio da Silva Bernardes e da Escola Padre Álvaro Corrêa Borges, foram 4,60 e 4,76, respectivamente²⁰.

A configuração da segregação socioespacial em Viçosa, a residência em um território vulnerável e as hierarquias entre os estabelecimentos escolares e a concentração de estudantes da comunidade Carlos Dias nessas duas escolas indicam que, de modo geral, as crianças dessa comunidade vivenciam também, ao ingressar na educação básica, a segregação escolar.

Porém, nessa comunidade vulnerável socialmente, em lares multigeracionais, duas avós negras empreendem esforços educativos em favor do processo de escolarização dos netos, os quais se encontram matriculados na Escola Estadual Madre Santa Face e em um estabelecimento privado, escapando, assim, dos efeitos da segregação urbana e escolar e das implicações negativas que a situação de vulnerabilidade social impõe ao processo de escolarização às quais a maior parte dos moradores dessa comunidade está exposta.

2 Maura²¹ ou a presença constante e o apoio afetivo e moral

“O estudo é importante, porque, sem o estudo, a gente não consegue nada na vida, nem emprego. Até para varrer rua tem que ter estudo, tem que fazer prova”.

Na época da entrevista, Maura tem 53 anos de idade. Ela é natural da cidade de Guaraciaba (MG) e concluiu apenas as séries iniciais do ensino fundamental. Essa avó justifica sua interrupção dos estudos, informando que residia na área rural e, “naquela época, era muita difícil estudar, porque eu ajudava meu pai na roça. É difícil! Meu pai nos tirava [...] da aula para irmos pra roça”. Maura tem dois filhos com idades de 32 e 28 anos. Ambos concluíram apenas o ensino fundamental.

Na Comunidade Carlos Dias, Maura reside em casa própria. Moram nessa casa ela, a filha Maria e um casal de netos, filhos de Maria. O local onde residem é a entrada da comunidade, muito próximo da Rua dos Passos, onde se situa uma região de comércio da cidade de Viçosa. Maura encontra-se desempregada na época da entrevista, mas trabalhou sem

¹⁹ Em 2013, os IDEB da Escola Municipal Coronel Antônio da Silva Bernardes e da Escola Estadual Padre Álvaro Corrêa Borges foram 5,5 e 6,4, respectivamente. (INEP, 2018)

²⁰ Dentre as escolas que compõem o conjunto de 24 instituições das quais foi calculado o NSE, o mais alto foi 7,28, de uma escola privada, e o mais baixo 3,79, de uma escola pública municipal (ALVES et. al., 2012).

²¹ Foram utilizados nomes fictícios para preservar o anonimato dos sujeitos pesquisados.



proteção legal, como doméstica, durante 35 anos. Ela recebe pensão do marido, falecido há 12 anos, que atuava como entregador de compras de um supermercado. A pensão recebida é utilizada para o sustento da família, inclusive dos netos que não residem com ela.

Afonso, o filho mais velho, é casado e têm cinco filhos, com idades entre três e quinze anos. Maria, sua filha, é mãe de um casal de filhos, Ricardo, com onze anos, e Clara, com dois anos de idade. Ela foi casada, durante oito anos, e sempre residiu na casa de sua mãe. Desde que se separou do marido, Maria dedica-se ao trabalho em tempo integral, atuando como faxineira em uma empresa localizada no centro da cidade de Viçosa.

Ricardo, o filho mais velho de Maria, cursa o quinto ano do ensino fundamental, na Escola Estadual Madre Santa Face, uma das escolas públicas mais demandadas de Viçosa para o primeiro segmento do ensino fundamental. Ele é o único neto de Maura que estuda nessa escola. Os demais netos, também residentes na comunidade Carlos Dias, estudam na Escola Estadual Padre Álvaro Corrêa Borges, que goza de menor reputação na hierarquia dos estabelecimentos públicos de Viçosa (MG) que ofertam o ensino fundamental.

Quando perguntada sobre a escolha do estabelecimento de ensino para o neto, Maura disse inicialmente que não se tratava de uma escolha, pois a matrícula do neto foi feita em função do local de residência, ou seja, pelo fato de ele residir na comunidade Carlos Dias seria matriculado na Escola Estadual Madre Santa Face. No entanto, logo a seguir, ela disse que Ricardo iniciou seu percurso escolar na Escola Estadual Padre Álvaro Corrêa Borges e, nessa escola, a diretora recomendou à Maria, mãe de Ricardo, que o transferisse para a Escola Estadual Madre Santa Face. Isso indicou que essa família obteve informações sobre o funcionamento das escolas e das lógicas de efetivação das matrículas que viabilizaram a escolha da escola. Levando-se em conta a assimetria entre a demanda e a oferta de vagas na Escola Estadual Madre Santa Face, a conquista de uma vaga requereu que a família se mobilizasse para reivindicar a transferência do estabelecimento em que Ricardo foi matriculado e acompanhasse o resultado do seu pleito.

A avó de Ricardo considera que a escola que ele frequenta é boa. Maura atribui essa condição ao fato de que, nesse estabelecimento, não há tem brigas entre os alunos: “É uma escola muito boa, não tem briga, muito difícil sair briga, sair confusão. Eu não sei se é por causa do Ricardo, mas lá você não vê ninguém falar mal da escola, escola muito boa”.



Maura deseja que o neto prossiga o ensino fundamental²² na Escola Estadual Effie Rolfs, a qual também ocupa uma posição favorável dentre as escolas públicas da cidade de Viçosa (MG). O padrão de remanejamento dos alunos da Escola Estadual Madre Santa Face para cursar o segundo segmento do ensino fundamental, é a Escola Estadual Effie Rolfs, mas Maura disse que foi informada de que Ricardo deveria fazer uma prova para conseguir uma vaga nessa última escola, demonstrando desconhecimento desse padrão de remanejamento. Referindo-se a esse suposto processo de seleção para ingresso em uma escola pública estadual reputada no contexto local, Maura disse:

[...] lá vai ter uma prova agora que a criança faz... Beneficente, é uma prova assim que eles fazem, eles escolhem uns dez alunos, ou mais, né? Aí, fazem essa prova! Eu sei que é uma quantidade boa dos alunos. Aqueles que fizerem a prova, se passarem, já vai estudar lá na Effie Rolfs.

Provavelmente a prova à qual Maura se refere destina-se à seleção de alunos para uma escola privada, que oferta bolsas de estudos aos egressos da Escola Estadual Madre Santa Face com bom desempenho escolar e não para a Escola Estadual Effie Rolfs. Mas a indicação de que ele deveria fazer essa prova mostra que ele tinha bom desempenho escolar, o que foi confirmado por Maura.

Certamente esse bom desempenho motivou a diretora da primeira escola frequentada por Ricardo a sugerir a transferência dele para outra escola e explica a preocupação que Maura expressa na entrevista, a qual é também compartilhada com sua filha, com relação ao estabelecimento de ensino que será frequentado pelo neto. Referindo-se ao estabelecimento de ensino que desejava que Ricardo frequentasse para cursar o segundo segmento do ensino fundamental, e aquelas escolas refutadas, Maura disse:

É o último ano que ele [Ricardo] vai estudar na Escola Estadual Madre Santa Face e vai pra Escola Effie Rolfs. Lá é uma escola muito boa! Maria estava preocupada de ele sair daqui [Escola Estadual Madre Santa Face] e ir para o grupo da praça (referindo-se à Escola Municipal Coronel Antônio da Silva Bernardes - CASB). Mas, ali filha! Têm muita confusão. Muitas mães reclamam dali [se referindo ao CASB]. O grupo da praça não está sendo uma escola boa, já foi! Está saindo muita briga no CASB, até coisas eles levam para lá [se referindo a drogas ilícitas]. Se ele conseguir lá [Escola Estadual Effie Rolfs] ... Vai ser bom demais! Porque, como disse a diretora dele, lá [na Escola Estadual Effie Rolfs] não tem como eles faltar de aula. Falam que lá tem segurança, eles [os alunos] ficam com medo, e lá tem segurança mesmo, você sabe que tem!

²² A Escola Estadual Madre Santa Face oferta apenas o primeiro segmento do ensino fundamental.



A Escola Estadual Effie Rolfs se localiza no campus da UFV. De acordo com Lacerda e Oliveira (2017, p. 131), essa localização contribui para “a sensação de segurança das famílias e para a constituição da imagem de uma escola organizada, apoiada pela UFV e de futura inserção na Universidade”.

Ricardo, com onze anos de idade na época da entrevista, deslocava-se sozinho ou na companhia de amigos de sua residência na Comunidade Carlos Dias para a Escola Estadual Madre Santa Face, pois se trata de um percurso de curta distância. A avó disse que ainda não conhece a professora do neto, mas que a filha conhece e a considera uma boa professora.

Sobre a participação na vida escolar de Ricardo, como a frequência às reuniões da escola e o acompanhamento das tarefas escolares, Maura disse: “Maria que vai. Quando tem festa junina, vou assistir. Não... Ela é que vai sempre, na reunião. Essas coisas é ela quem resolve. Quem ajuda Ricardo no dever da escola é ela”.

Maura destacou que, no acompanhamento das tarefas escolares, quando necessário, ela e Maria solicitam a ajuda de outras pessoas. Ela disse: “A Maria sempre está levando... Assim pra Joana (irmã da avó), pra Teresa (prima da Maria)... Porque Teresa tem computador. Algumas perguntas que é difícil assim de Maria ver... Tá sem tempo ou, às vezes, ela não lembra... Assim direito... Pede ajuda pra Teresa”.

O envolvimento de Maura no processo de escolarização de Ricardo se faz por meio de práticas socializadoras não diretamente relacionadas ao escolar, mas a domínios periféricos (LAHIRE, 1993), o que, no contexto de moradia e na condição de vida das famílias que residem em territórios vulneráveis, torna-se muito relevante. Trata-se de ações, conforme Lahire (1993, p. 26), que se referem à “moral do bom comportamento, da conformidade às regras, moral do esforço, da perseverança”, que preparam a criança para o bom comportamento na escola e à dedicação aos estudos. A descrição feita por Maura do cotidiano de Ricardo e de suas contribuições para a “regularidade das atividades, dos horários, as regras de vida estritas e recorrentes, os ordenamentos” (LAHIRE, 1993, p. 26) explicita o auxílio prestado e o esforço em favor do processo de escolarização do neto. Ela disse:

Maria sai de manhã bem cedo. Mais cedo do que ele [referindo-se ao Ricardo] e vai para o trabalho, né! Eu levanto da cama e já chamo ele para ir para a aula. — Ricardo, tá na hora de você ir pra aula! Uma coisa também que eu falo pra você... Se ele faltar de aula, assim sem necessidade, eu não gosto.



A presença e atenção dessa avó ao percurso escolar do neto permitiram que ela identificasse as dificuldades vivenciadas por Ricardo e, por meio de auxílio familiar mútuo – avó e mãe –, apoiasse Ricardo do ponto de vista afetivo e moral: “Eu converso com a Maria [...] – o Ricardo tá com problema! Eu falo pra ela... Ela vai diretamente nele. Eu falo pra ele, pra não esconder nada de nós. Porque a gente tá aí pra ajudar ele. Se precisar de dar alguma orientação, a gente faz. Eu vou diretamente nela, ela fala pra ele”.

Ricardo realizava outras atividades, além das escolares, fora da comunidade onde residia:

Ele também fez uma prova lá no Núcleo [Núcleo de Arte e Dança, uma instituição privada que ministra aulas de dança e esportes] e ganhou essas aulas de dança. Hoje ele tá no Núcleo. Ele está praticando esporte também... [referindo-se à prática de jiu-jítsu]. Fica em casa, às vezes, só assistindo televisão. Isso pode atrapalhar a cabeça dele. Ele chega da escola e já faz o dever dele. À tarde, ele não pode ficar sem fazer nada, ele estuda de manhã.

Esse relato indica, além da valorização de atividades não escolares, nesse caso, culturais e esportivas; a crítica à audiência aos programas da televisão aberta, que “pode atrapalhar a cabeça dele” e a disciplina no uso do tempo, que Ricardo tinha redes de sociabilidade que extrapolavam o contexto da comunidade onde residia.

3 Joana ou o auxílio mútuo e o sobre-esforço da família para escolarizar dos filhos

“O que a gente quer é isso... Que eles sobressaiam nos estudos. Hoje em dia, tudo depende dos estudos. Tudo que eles quiserem ser vai depender dos estudos”.

Joana é natural de Viçosa (MG). Na época da entrevista, ela tem 53 anos de idade. Ela é casada há 32 anos e tem três filhas: Sarah, Sílvia e Pérola. Sarah tem trinta anos, é casada há oito e tem um filho de sete. Sílvia tem 28 anos, é solteira e tem um filho com essa mesma idade. A caçula das filhas é Pérola, com 25 anos de idade. Ela é solteira e não tem filhos. Atualmente, todos os membros dessa família – Joana, o marido, três filhas, dois netos e um genro –, oito pessoas residem na mesma casa na comunidade Carlos Dias. O marido de Joana é aposentado, tendo trabalho na UFV, onde desempenhava a função de pedreiro.

Sarah, uma das filhas, quando se casou, morou com seu marido em outro bairro, na cidade de Viçosa, porém, ao engravidar, decidiu retornar para a casa dos pais, pois precisava da ajuda de seus familiares, principalmente da mãe, para cuidar do bebê, uma vez que trabalha



fora de casa, em tempo integral. Sílvia, a outra filha de Joana, engravidou na mesma época que Sarah, e as crianças, dois meninos, nasceram no mesmo mês.

Joana não concluiu o ensino fundamental, tendo abandonado os estudos para trabalhar e ajudar sua família. Ela disse: “Eu estudei a 6ª completa, a 7ª, comecei e parei, não terminei”. Na época da entrevista, ela trabalha como diarista em finais de semana, de 15 em 15 dias. De segunda a sexta-feira, ela cuida dos dois netos, pois as mães trabalham em tempo integral. Sarah cursa Ciências Contábeis na UFV e trabalha como secretária em uma clínica médica. Sílvia e Pérola concluíram o ensino médio, mas interromperam os estudos. A primeira trabalha como babá, e a segunda, como balconista.

O marido de Sarah trabalha como segurança em uma escola privada, o que viabilizou que os netos de Joana frequentassem essa escola beneficiados com bolsa de estudos integral, onde eles cursam o segundo ano do ensino fundamental. Sobre a frequência dos netos a um estabelecimento de ensino privado, Joana disse: “O pai do Pedro começou a trabalhar lá [na escola privada], aí eles falaram que quem trabalhasse lá poderia colocar o filho, né! Pra estudar lá com bolsa, aí, como os dois sempre estudaram na mesma escola... Ele foi e colocou o João também”.

Uma prática comum nas escolas privadas de Viçosa é conceder bolsas de estudo em troca de serviços diversos executados pelos pais²³. Esse é o caso dos netos de Joana, pois as bolsas de estudos concedidas são trocadas pelos serviços extras ao contrato de trabalho do pai de um deles. Essa situação indica o sobre-esforço dessa família para assegurar a escolarização das crianças num estabelecimento privado. As despesas da família para custear a escolarização, nesse caso, referem-se à compra do material, que é compartilhado pelos dois netos de Joana que cursam a mesma série, o que reduz os custos para a família.

Diariamente Joana leva seus netos para a escola, e seu marido os busca. Ela disse que todos de sua casa conhecem as professoras das crianças. “A mãe, o pai, a tia, o avô. Todo mundo conhece [...]”, indicando o envolvimento de todos os membros da família com a escolarização das crianças. Esse envolvimento também é observado na presença dos membros

²³ Neste trabalho, não será feita uma discussão sobre a precarização das relações de trabalho, mas é preciso mencionar o quanto essa situação é perversa para as famílias desprovidas de recursos financeiros, com baixo capital escolar e vivendo em territórios em vulnerabilidade social, mas que desejam oportunizar aos filhos uma escolarização de melhor qualidade para que eles possam participar das competições escolares e constituir carreiras escolares longas. Trata-se de uma subserviência dos pais, vivenciada como uma dádiva, e que desrespeita as leis trabalhistas brasileiras.



da família nas festas escolares. Ela disse: “Aí vai todo mundo, aí participa... Apresentação... às vezes costuma eles fazerem apresentação. Festa junina. Aí, acaba todo mundo indo”.

Joana considera que a escola frequentada pelos netos é de qualidade. Sobre o que considera qualidade, Joana disse: “Eles [referindo-se aos profissionais da escola] são bem dedicados ao ensino. A gente vê a diferença do ensino. Eles são bem dedicados, procuram melhorar cada dia mais o ensino. Nos deveres de casa, a gente vê, é muito organizado”.

Quando interrogada sobre a importância de outros elementos que ela considera importantes e expressam a qualidade da escola frequentada pelos netos, Joana destacou a organização que caracteriza essa escola. Ela disse que os netos aprendem a: “respeitar, ter horário de aula. Eu acho muito importante para... Ter um controle. Com as crianças respeitando uns aos outros, obedecendo outras pessoas [pessoas que não são da família, como professores e colegas da escola]”.

Joana disse também que a frequência a essa escola viabiliza a ampliação do grupo de convivência dos netos. Essa atitude está relacionada à importância que a família dá ao controle das situações de socialização dos netos, focando nos benefícios que isso poderá trazer no processo de escolarização deles.

Nos relatos de Joana, é possível observar a grande importância que é dada ao bom comportamento dos netos e ao respeito à autoridade do professor. Certamente a condição de bolsistas, decorrente da troca pelos serviços prestados pelo pai de um dos netos, coloca a família em uma situação de fragilidade frente à possibilidade de, por qualquer razão, a escola desinteressar-se por manter essa troca. Sobre as orientações da avó para que os netos se comportem corretamente na escola, submetam-se à autoridade da professora, fazendo o que é pedido, Joana disse:

Eu sempre falo... Eu sempre cobro deles, tem que respeitar a professora, o que ela fala, vocês tem que obedecer. A gente vê hoje em dia muito adolescente mesmo, né?! Não respeita. Eles acham assim, que não é nada dele. Os professores não são parentes, então não têm que respeitar, que não têm que respeitar nada. Então eu converso com eles.

As orientações de Joana aos netos sobre como devem se comportar na escola integram a ordem moral doméstica (LAHIRE, 1997). A avó os orienta a serem dóceis, a escutar os professores, a prestar atenção na aula, a não brincar e estudar seriamente. Ela disse: “Converso da escola... Para comportar na escola. Obedecer... entendeu?! Respeitar os



coleguinhas. Eu sempre converso com eles na hora que sai para ir para a aula. Eu falo para eles: – Cuidado. Presta atenção”.

A avó também realiza um trabalho no ambiente doméstico que objetiva apoiar afetiva e moralmente os netos, ação que certamente é realizada também pelos outros membros adultos da família. Sobre esse apoio, ela disse: “Os conselhos... Respeitar os colegas, não pegar objetos do outros, materiais dos outros. Eu falo com eles: – Achou na sala, não é deles, entrega. Procura a professora para saber de quem é. Para ter convívio, né?! Um respeitando o outro. Respeitando as professoras.” O ordenamento que parece caracterizar as ações na família de Joana, parece colaborar para a constituição das estruturas cognitivas ordenadas nos netos (LAHIRE, 1997), próximas da forma escolar que favorecem os percursos escolares.

De acordo com Coutrim et al. (2007), as avós tendem a se envolver mais com a garantia das condições para que os netos possam se dedicar aos estudos do que com um apoio direto. Esse é o caso de Joana que, quando perguntada sobre as ações que realiza em favor da escolarização dos netos, disse: “Eu que lavo a roupa deles, cuido da alimentação, arrumo eles pra ir para escola”.

Os deveres de casa são orientados pelas mães e, às vezes, pela tia, que não tem filhos. Joana destacou que “As mães têm muito pouco tempo. Só dá pra almoçar, ficar com eles um pouco e já está na hora de voltar [para o trabalho]. [...] Tem dia que nem almoçar ela almoça. Vem só ver eles e volta. É uma correria.” Mas, ainda assim, Joana destaca que, “quando elas chegam, se tem algum problema na escola, são elas que resolvem”.

Na família de Joana, todos os membros, por meio de auxílios mútuos, realizam um conjunto de ações que objetivam favorecer os percursos escolares dos netos. A avó, além dos cuidados com os netos já mencionados, leva-os para a escola, o avô os busca no final da aula e os acompanha em atividade extraclasse. Merece destaque o fato de que um dos netos tem aulas de música (ele toca bateria) e ambos têm aulas de xadrez, em alguns dias da semana. O pai faz trabalhos extras para assegurar a bolsa de estudos; as mães e a tia orientam os deveres, e todos participam das atividades na escola, expressando o reconhecimento do valor da escola e do valor escolar das crianças.



Considerações finais

As famílias residentes no território vulnerável Carlos Dias que foram pesquisadas realizam esforços educativos, contrariando tanto a visão depreciativa, quando se considera que elas são omissas em relação ao processo de escolarização das crianças, como o pressuposto de homogeneidade das práticas dessas famílias, em função de suas condições de renda e de posse de fraco capital escolar e cultural.

Na explicação dos esforços educativos dessas famílias, conjugam-se a disponibilidade de tempo das avós, que lhes permite controlar a rotina diária dos netos; a estabilidade das condições de renda das famílias (posse da casa própria, recebimento de aposentadorias e pensões e adultos empregados) e a situação de vulnerabilidade da porção do território onde elas residem – na “entrada” da comunidade Carlos Dias.

A presença das avós é muito importante, pois elas realizam os esforços necessários para assegurar a frequência regular dos netos na escola, enquanto as mães trabalham, com carga horária diária de oito horas. As avós os preparam, alimentam, acompanham nos deslocamentos, controlam o tempo dedicado a cada atividade e lhes dão apoio moral e afetivo. As ações das avós não estão diretamente relacionadas ao estritamente escolar. Elas se voltam para a transmissão de uma ordem moral doméstica, a regulação das atividades cotidianas e do uso do tempo. Para realizar esse conjunto de ações, as avós são presença cotidiana e duradoura junto aos netos nos lares multigeracionais.

A prática educativa de escolha da escola mobilizou, nos casos investigados, a mãe e a avó, no caso da Maura, e avó, avô, pais e tias, no caso da Joana. Segurança, organização, regularidade dos deveres, certo rigor e qualidade do ensino são critérios de escolha da escola, os quais são fartamente discutidos no âmbito das famílias. Os rumores sobre a reputação das escolas, as informações vindas de professores sobre a qualidade delas, a segurança do ambiente escolar, a compreensão dos procedimentos para conseguir uma vaga em escolas públicas com alta demanda, as oportunidades aleatórias e o entendimento de que a oferta privada da educação básica tem mais qualidade que a pública foram basilares para a efetivação da escolha do estabelecimento. Já a distância da escola em relação ao local de residência não se configurou como um impedimento para efetivação dessa escolha.



Quando a oferta é segmentada, como no caso da Escola Estadual Madre Santa Face, a avó e a mãe contam com os padrões habituais de remanejamento para que o neto prossiga seus estudos em escola pública reputada e segura, uma vez que os egressos dessa, de modo geral, são matriculados na Escola Estadual Effie Rolfs, também muito demandada e que se localiza no campus da UFV.

O acompanhamento dos deveres, os quais colaboram para que essas famílias façam a organização do tempo das crianças, é feito de forma sistemática pelas mães, mas elas não intensificam ou antecipam as atividades de aprendizagem. As avós, quando é necessário, também se mobilizam para buscar ajuda de terceiros, especialmente quando devem ser feitas pesquisas na internet, pois as famílias não têm computadores em casa, e a comunidade Carlos Dias não dispõe de equipamentos para uso coletivo. Uma das razões dessa busca de ajuda de terceiros é o fato de que as mães trabalham em período integral e, portanto, auxiliam os filhos apenas no turno noturno. Os netos também realizam diversas atividades extracurriculares vistas como uma forma de fazer melhor uso do tempo e de incrementar a aprendizagem, como as aulas de dança e música, as práticas esportivas e o aprendizado do jogo de xadrez. Nessas atividades, eles são acompanhados pelas avós.

O conjunto dos membros das famílias se esforça para a escolarização dos netos, constituindo um tipo de auxílio mútuo que envolve todos aqueles que residem nos lares multigeracionais e se efetiva em função das expectativas compartilhadas pela família em relação ao processo de escolarização dos netos, afetadas pela presença da UFV nesse contexto local.

Referências

ABREU, Marcos Vinicius Sanches. **Estatística espacial aplicada à análise da distribuição do Índice de Desenvolvimento Humano censo setorial em Viçosa/MG**. 2009, 60p. Monografia (Graduação em Engenharia de Agrimensura) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

ABREU, Marcos Vinicius Sanches; OLIVEIRA, Júlio Cesar de; ANDRADE, Viviane Delfino Albuquerque; MEIRA, Anderson Donizete. Proposta metodológica para o cálculo e análise espacial do IDH intraurbano de Viçosa (MG). **Revista Brasileira de Estudos de População**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 169-186, jan./jun. 2011.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco; XAVIER, Flávia P. **Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica do Brasil: Banco de Dados Versão 2**.



Belo Horizonte: Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais; São Paulo: Instituto Unibanco, 2012.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; SANT'ANA, Maria Josefina Gabriel. As classes populares e a valorização da educação no Brasil. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; KOSLINSKI, Mariane C.; ALVES, Fátima; LASMAR, Cristiane (Orgs.). **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ, 2010, p. 155-174.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de **Educação em territórios de alta vulnerabilidade social na metrópole**. São Paulo: Cenpec, 2013.

BERQUÓ, Elza Salvatori. Evolução demográfica. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio (Orgs.). **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 14-37.

BERQUÓ, Elza Salvatori et al. Uma visão demográfica dos arranjos familiares no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Coordenador geral da coleção: Fernando Novaes. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 411-438.

CHARLOT, Bernard; ROCHEX, Jean-Yes. L'enfant-élève: dynamiques familiales et experience scolaire. Familles et école. **Lien Social et Politique**, RIAC, n. 35, p.137-152, Printemps, 1996.

COSTA, Antônio Firmino; LOPES, João Teixeira (Coord.) **Os estudantes e os seus trajectos no ensino superior: sucesso e insucesso, factores e processos, promoção de boas práticas** (2008). Disponível em: <http://etes.cies.iscte.pt/Ficheiros/relatorio_ETES_completo.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2013.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; BOROTO, Ivonice Gonçalves; VIEIRA, Livia Carolina; MAIA, Iara de Oliveira (2007). **O que os avós ensinam aos netos? A influência da relação intergeracional na educação formal e informal**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/sbs2007_gt12_rosa_coutrim%20\(1\).PDF](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/sbs2007_gt12_rosa_coutrim%20(1).PDF)>. Acesso em: 20 de jan. de 2014.

FIGUEIREDO, Ana Luisa Silva; SILVA, Maristela, Siolari. **Carlos Dias, um bom lugar em Viçosa-MG**. (2014) Disponível em: <<http://www.anais.ueg.br/index.php/siarq/article/view/4617>>. Acesso em: 26 de março de 2018.

FILHO, Reinaldo Antônio Bastos; PINTO, Neide Maria de Almeida; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. **Direito à cidade: uma análise do espaço urbano de Viçosa-MG a partir da elaboração de um Índice de Segregação Socioespacial**. I Seminário Nacional: Família e Políticas Sociais no Brasil- UFV.



IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=317130&search=minas-gerais/vicosalinfograficos:-historico>>. Acesso em: 16 de jan. de 2017.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Consulta Ideb**. Disponível em: <<http://idebescola.inep.gov.br/ideb/consulta-publica>>. Acesso em: 19 de mar. de 2018.

LACERDA, Wânia Maria Guimarães; OLIVEIRA, Leonardo Rodrigues. Dinâmicas locais e escolha do estabelecimento de ensino em Viçosa–MG, uma cidade média. In: SOUSA, Diogo Tourino de e BATELHA, Wagner Barbosa (Orgs.). **Cidades, Territórios e Direitos**. Viçosa: Editora da UFV, 2017, p. 128-154.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**. As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004. 343p.

LIMA JUNIOR, Paulo e MASSI, Luciana. Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. **Ciênc. educ.**, Bauru, 2015, vol. 21, n. 3, p. 559-574.

MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45). In: MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, p. 69-82, 2001.

NOGUEIRA, Maria Alice. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. **Paidéia**, Ribeirão Preto / FFCLRP-USP, p. 91-101, 1998.

PASSERON, Jean-Claude. A encenação e o *corpus*: biografias, fluxos, itinerários, trajetórias. In: PASSERON, Jean-Claude. **O raciocínio sociológico**: o espaço não-popperiano do raciocínio natural. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 204-227.

PERONA, Néida B.; ROCCHI, Graciela I. Vulnerabilidad y Exlcusión Social. Uma proposta metodológica para El estudio de las condiciones de vida de los hogares. **Kairós**. Año 5, n. 8, 2º semestre de 2001. Disponível em: <<http://www.revistakairos.org/vulnerabilidade-y-exclusion-social-una-propuesta-metodologica-para-el-estudio-de-las-condiciones-de-vida-de-los-hogares>>. Acesso em: 18 de jan. 2017.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Proximidade territorial e distância social: reflexões sobre o efeito de lugar a partir de um enclave urbano. **Revista VeraCidade**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, p. 1-21, maio de 2008.

RIBEIRO FILHO, Geraldo Browe. **A formação do espaço construído**: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG. Dissertação de Mestrado em Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dezembro de 1997.



SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio (Orgs.). **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SINGLY, François de. **Sociologie de la famille contemporaine**. Paris: Nathan, 1993. 128p.

SOUZA MARIA, Ana Cristina de; FARIA, Teresa Cristina de Almeida; STEPHAN, Italo Itamar Caixeiro. Um retrato da evolução urbana de Viçosa – MG: impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1996-2014). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**. Curitiba, v. 3, n. 1, p. 37-54, jan./jul. 2014.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 211-225, maio/ago. 2006.

VIANA, Maria José Braga. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade**. 1998, 302 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.